

A ELABORAÇÃO DAS MODELAGENS DE TRAJES DE HENRIQUE IV DO THÉÂTRE DU SOLEIL

The patterns' elaboration of Henry IV's costumes from the Théâtre du Soleil

Matsuda, Juliana Miyuki ; Mestranda ; Universidade de São Paulo,
julianammatsuda@gmail.com¹

Resumo

O presente artigo expõe os procedimentos usados na elaboração da modelagem dos trajes do Rei Henrique IV, serão relatados os métodos adotados durante a medição, as técnicas e os resultados obtidos a partir desta pesquisa realizada na sede do Théâtre du Soleil.

Palavras-chave: Traje de cena; Modelagem; teatro; Henrique IV; Théâtre du Soleil.

Abstract

The present article shows the procedures used on the patterns' elaboration of King Henry IV's costumes, the methods adopted during the measurement, the techniques and the obtained results will be reported following the research held at the Théâtre du Soleil's headquarters.

Keywords: Costume design; pattern making; theater; Henry IV; Théâtre du Soleil.

Introdução

O espetáculo Henrique IV – parte I faz parte do Ciclo de Shakespeare do Théâtre du Soleil. O ciclo de Shakespeare, na realidade, é composto por seis peças: quatro tragédias históricas (Ricardo II, Henrique IV [parte I e II] e Henrique V) e duas comédias (Noite de Reis e Trabalhos de amor perdidos)², mas foram apresentadas somente as peças: *Ricardo II*, que estreou em 10 de dezembro de 1981 na Cartoucherie; *Noite de Reis*, em 10 de Julho de 1982 no Festival de d'Avignon, alternando com apresentações de *Ricardo II* na Cartoucherie; e em 18 de janeiro de 1984 finalmente estreia a peça *Henrique IV - parte um*.

A peça shakespeariana foi montada pelo grupo francês liderado pela encenadora Ariane Mnouchkine e encantou os espectadores e a crítica da época. A peça excursionou de 1982 a 1984: ao Festival d'Avignon, Festival de

¹ Especialista em Cenografia e Figurinos pelo Centro Universitário Belas Artes. É mestranda do programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas pela ECA/USP com bolsa FAPESP, realizando pesquisa teórico-prática sobre a influência dos trajes teatrais japoneses nos trajes de cena do Théâtre du Soleil.

² In: <<http://www.theatre-du-soleil.fr/thsol/nos-spectacles-et-nos-films/nos-spectacles/les-shakespeare-1981-84/texte-programme-de-richard-ii>>, acesso: 5 jan 2015.

cinema de Munique, Olympic Arts Festival – Los Angeles e Berliner Festspiele – Berlim, recebendo cerca de 253 mil espectadores no total.

Grande parte do sucesso do Ciclo de Shakespeare deve-se principalmente à sua originalidade proveniente da mescla de características ocidentais e orientais, notadamente elisabetanas e japonesas, visíveis na cenografia, trajes de cena e em toda sua composição.

O estudo das modelagens deste espetáculo reflete o desejo de ampliar o estudo na área de trajes orientais japoneses e sua relação com o ocidente expondo através do estudo da modelagem como este diálogo possibilita a geração de novas criações, busca-se também relatar os procedimentos usados para o registro destes trajes na forma de molde.

Este artigo resulta de uma pesquisa feita na Cartoucherie, sede do grupo Théâtre du Soleil em Vincennes, Paris-França, durante 20 dias do mês de abril de 2014.

No período citado teve-se a oportunidade de acompanhar a montagem da mais recente produção do Théâtre du Soleil: “*Macbeth*”, estreada em 28 de abril de 2014. Observar o trabalho diário dos integrantes do grupo, além de participar e auxiliá-los nas atividades de costura e na preparação de materiais usados na confecção de adereços de cena, contribuiu para uma maior compreensão do processo criativo do grupo e na criação e construção dos trajes de cena que posteriormente puderam ser averiguadas e medidas. Foram feitas anotações de cerca de 43 peças de trajes usadas nas produções: “Ricardo II” e “Henrique IV – Parte I”, do Ciclo de Shakespeare e os trajes de “Tambores sobre o Dique”.

Neste artigo, porém, serão contemplados o processo de construção de duas peças de trajes: a capa de três camadas e a saia plissada do Rei Henrique do espetáculo Henrique IV – parte I.

O processo criativo do Théâtre du Soleil

A elaboração de um novo espetáculo parte da sugestão de um tema ou ideia geral pela encenadora Ariane Mnouchkine. Ao aceitar a proposta, os atores têm a liberdade de investigar e desenvolver suas próprias ideias. Neste momento são reunidas informações através de viagens e pesquisas de imagens, textos, filmes, depoimentos, etc, que ficam à disposição do ator

durante todo o período de criação do espetáculo. Essas referências servem principalmente para alimentar a imaginação dos atores e inspirá-los na criação de seus personagens.

Como diz Ariane, no Soleil não existe “*trabalho de mesa*”, tudo é feito na prática. Os espetáculos são criados a partir das improvisações que os atores fazem desde o primeiro dia de ensaio, os trajes, a caracterização e a música já estão presentes neste momento.

Na elaboração dos trajes de cena não há a criação de um croqui para posterior confecção, são os atores que compõem seus próprios personagens. Eles têm à sua disposição trajes de produções anteriores ou podem utilizar alguns tecidos da sala de costura e pedir auxílio às figurinistas para construir seus trajes de cena. Alguns dão preferência ao uso de tecidos naturais, e tecidos já usados, pois creem que a história contida nesses pedaços de tecidos os auxiliam a encontrar este personagem.

As figurinistas são aquelas que veem os ensaios, recebem as propostas dos atores e os auxiliam a elaborar estas ideias. Durante o processo são feitos diversos protótipos até a confecção do traje oficial para o espetáculo. O figurino é trabalhado em sua totalidade, desde a roupa íntima aos menores detalhes.

Percebemos que a modelagem e a costura recebem um papel importante neste processo, não apenas técnico, mas de bastante criatividade.

Nos dias de pesquisa na sede do grupo pôde-se observar a evidente participação de atores e também de ajudantes na elaboração de todo o espetáculo - incluindo adereços de cena e de ator, iluminação, efeitos visuais, cenografia e também nos trajes – o auxílio destas pessoas é de extrema importância, tudo é feito de maneira colaborativa.

Entretanto, deve ser levado em consideração que estas pessoas podem não ter um conhecimento aprofundado da função que executam, fazendo com que não haja um rigor milimétrico no fazer de uma saia godê, por exemplo. Os materiais são aproveitados ao máximo e faz-se o traje de cena com o que há disponível.

Algumas peças de trajes podem ser cortados de maneira livre no tecido, ou com maior folga, não de maneira exata como estamos acostumados a ver no padrão industrial ou como aprendemos em nossas aulas de modelagem.

Durante a montagem, quando os trajes são confeccionados, às vezes são necessários ajustes: embeber o tecido mais de um lado para fazer duas partes se encaixarem, ou criar pences; aproveitar a ourela para não dar acabamento; usar o tecido um pouco “fora do fio”, etc. Ao final, preocupa-se com o efeito e impacto visual do traje, o rigor na construção às vezes é deixado de lado.

Há sim uma grande preocupação e cuidado no fazer de cada item que aparece em cena, e de fato existe uma razão para escolha de certa paleta de cores, materiais usados, os formatos que cada traje ou objeto têm, ou mesmo do uso de certa influência para a criação, mas mesmo após a estreia sempre existem ajustes a serem feitos e eles podem ocorrer num traje já “finalizado” e com acabamento.

Desafios da pesquisa

Um dos grandes desafios da pesquisa e estudo de trajes de cena, principalmente aquelas de antigas produções, deve-se ao risco deles já não existirem. Isto ocorre, pois o teatro é uma arte que se concretiza apenas no presente, na duração da apresentação, ao final das apresentações os trajes de cena são as “sobras” do que um dia foi o acontecimento teatral. Portanto, é comum que estes trajes sejam reutilizados em outras produções e em ensaios, alterados de maneira integral ou parcial, emprestados, doados, são “perdidos”, descartados ou vão “desaparecendo” pelo desgaste natural que sofrem com a intensidade do uso ou pela própria alteração do modelo, tornando o traje “original” às vezes irreconhecível. As condições de armazenamento e a própria passagem do tempo também são fatores que devem ser considerados, pois agem e interferem na aparência ou estado do traje.

Como os próprios membros do Théâtre du Soleil dizem: *“tudo é vivo, tudo se usa como material e tudo se modifica”*. Então, no grupo tudo se transforma ou deixa de existir a cada momento, por isso, somente algumas peças de trajes do Ciclo de Shakespeare foram encontradas no guarda-roupa da sede. Por outro lado, este processo é muito natural e absolutamente necessário para a criação no Théâtre du Soleil, sem a criação de protótipos e os constantes testes em cena o espetáculo para eles jamais se concretizaria e nem mesmo teriam a evidência do que é essencial para eles em cena.

Outro fator que dificultou a pesquisa foi o pouco registro que se tem dos trajes e dos espetáculos do Ciclo de Shakespeare, principalmente por ser uma produção mais antiga. Percebemos então a importância da documentação da obra artística por meio de relatos, fotos, desenhos, modelagens, filmagens etc, para que partes do que o espetáculo foi uma vez possa ser “reconstruída” e estudada, muitas vezes gerando novos estudos e “produções”.

Outro dado é o processo de doação dos registros do Soleil (fotos, vídeos, trajes, esboços, etc) para o acervo da *Bibliothèque Nationale de France*. Durante a pesquisa em Paris, os trajes do espetáculo do Ciclo de Shakespeare estavam sendo higienizados e transferidos para o *Centre National de Costumes de Scène* localizada em *Moulins* na França para a exposição que comemorava o aniversário de 450 anos de Shakespeare, o “*Shakespeare - l'étoffe du monde*”. Diversas tentativas foram feitas para se ver e acessar a coleção, mas devido os trajes estarem em tratamento isto não foi possível.

Metodologia

Adotou-se o seguinte procedimento para a elaboração da modelagem até a confecção do traje: pesquisa, verificação e análise dos trajes, medição de trajes, elaboração de moldes, corte e costura do traje.

Inicialmente, a pesquisa dos trajes utilizados no espetáculo foi feita a partir de leitura de bibliografia e análise de imagens e trechos de vídeos que poderiam dar indicações de como os trajes são. Algumas deduções puderam ser feitas quanto à forma e o caimento da peça. Ter noções de modelagem plana, moulage e costura básica foi fundamental. O conhecimento prévio sobre a modelagem de trajes elisabetanos e trajes tradicionais japoneses também auxiliaram na análise dos trajes e nas anotações das medidas para poder posteriormente reconstruí-los da maneira mais fiel possível.



Figura 1 – (à esq.) imagem de referência de Rei Henrique IV³, (centro e canto direito) fotos do traje na sede do Théâtre du Soleil (Fonte: elaborada pela autora)

Já na sede, ter em mãos imagens de referência do espetáculo e dos figurinos auxiliaram na identificação dos trajes. Ao tomar notas sobre o traje foram elaborados desenhos (ver figura 2) com as devidas medidas, e indicações e posições das aberturas, tipos e tamanhos de fechamentos, e quando possível, os tipos de acabamentos e tecidos utilizados, facilitando a identificação das fotos que foram tiradas de cada traje. Foi importante fotografar o traje inteiro de frente, lateral e costas, além de detalhes de fechamentos, aberturas etc. (ver figura 1)

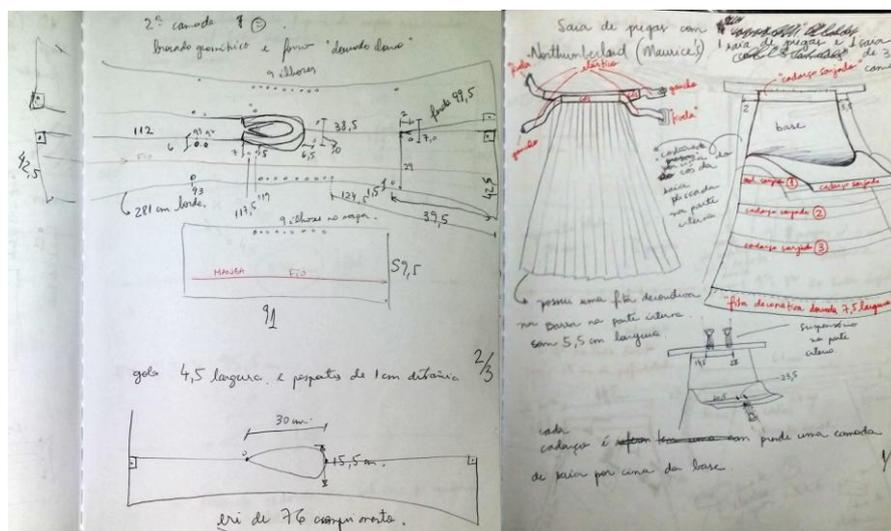


Figura 2 - Foto do desenho dos trajes com anotações de medidas e informações. (Fonte: Elaborada pela autora)

Como mencionado anteriormente, os trajes teatrais são geralmente feitos de maneira artesanal, portanto, eles possuem imperfeições,

³ In: <<http://gallicalabs.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9002266c/f15.jpeg>>, acesso: 10 fev 2015.

interferências e seguem modos de montagem improvisados que fogem dos padrões comuns de confecção. É possível que hajam grandes diferenças nas medidas mesmo quando o objetivo seja a simetria; após a finalização do traje podem haver ajustes ou a inserção de um pedaço de tecido para a redução ou ampliação do traje; a divisão de pregas feitas numa saia por exemplo podem ser feitas de maneira aleatória tanto em posição, direção e profundidade.

É importante medir os dois lados do traje, direito e esquerdo e tomar decisões: igualar e redistribuir a medida de maneira igual, ou manter as medidas diferenciadas e a distribuição irregular?

Neste trabalho, a intenção foi de elaborar a modelagem de maneira que seguissem a proporção do traje original, mas com a possibilidade de reproduzi-los de maneira fácil e simplificada. Portanto tomou-se a decisão de que pequenas diferenças de medidas e encaixe das partes fossem igualadas e redistribuídas uniformemente, enquanto as grandes diferenças de medidas seriam mantidas como no original. Estas decisões seriam tomadas após a visualização do traje e durante a elaboração dos moldes finais.

Interpretação dos trajes, medição e elaboração dos moldes

Primeiramente, é necessário preparar a área de trabalho, tentar da melhor maneira possível: abrir uma superfície ampla, limpa, lisa e com boa iluminação para facilitar o manuseio e permitir que o traje seja aberto e estendido.

Foram utilizadas diferentes técnicas para realizar a medição dos trajes: a anotação de medidas com a utilização de fitas métricas e/ou a cópia de áreas pequenas modelando-se um pedaço de papel de seda sobre o traje, como na gola, ao final, já se obtém praticamente o molde da peça.

É importante não se esquecer de fazer anotações de orientação do fio, fazer a marcação da posição dos bolsos, golas, mangas, aberturas, fechamentos etc. Além de marcar a quantidade, identificar que parte é aquela do molde, principalmente quando se copia o modelo a partir do uso do papel de seda.

Tanto na “capa de 3 camadas” e na “saia plissada” (ver *figura 2*) usadas pelo personagem do Rei Henrique IV, no espetáculo de mesmo nome, ao identificar que os modelos das peças seguiam o estilo japonês de corte: sem

pregas, cortado em grandes painéis planos e retangulares, deu-se preferência por medir o comprimento total da peça através dos contornos, as larguras da barra da frente e costas dos painéis direito e esquerdo, medir a largura quando dobrado na metade e em pontos estratégicos, medir o contorno do decote, e a profundidade e largura do decote. O mesmo foi feito com as mangas, sempre medindo as larguras e comprimentos da linha de costura a linhada de costura.

Na “capa de 3 camadas”, percebeu-se que o centro da peça havia sido cortado num eixo de 90 graus em relação a barra que facilitou o desenho do molde.

Como foram elaborados desenhos esquemáticos dos trajes com medida e indicações, a elaboração do molde final foi bastante simples e executada seguindo os ângulos retos. Pequenos ajustes foram feitos para redistribuir uniformemente as pregas. Os acabamentos foram feitos seguindo o modelo original.

Resultado final



Figura 3- (parte superior) traje original do Rei Henrique IV e (parte inferior) reprodução do traje em algodão cru.
(Fonte: Elaborada pela autora)

Conclusão

Foi de extrema importância o conhecimento básico de modelagem plana, *moulage* e noções de costura para que houvesse uma melhor percepção e análise sobre a construção dos trajes de cena para que os moldes fossem posteriormente elaborados e reproduzidos. O conhecimento básico prévio sobre a construção de moldes de trajes da era elisabetana e de trajes tradicionais japoneses também foi essencial para compreender como os trajes foram construídos, facilitando a interpretação dos modelos.

A oportunidade de observar e acompanhar o trabalho das figurinistas e dos atores do grupo na montagem de “*Macbeth*” contribuiu com o entendimento do processo de criação dos trajes de cena e demonstram como a modelagem pode ser trabalhada de maneira colaborativa e criativa, não apenas técnica.

A elaboração dos desenhos com a maior quantidade de anotações e medidas possível e a “cópia” dos trajes em papel seda facilitaram a reprodução dos trajes em moldes definitivos, sendo necessárias mínimas alterações e ajustes.

Espera-se que esta pesquisa contribua com o registro da memória teatral, com foco nos trajes de cena por meio da elaboração de modelagens e que os procedimentos descritos neste trabalho auxiliem e sejam úteis para que outros estudantes e interessados.

Referências

DUSIGNE, Jean-François. *Le Théâtre Du Soleil : Des traditions orientales à la modernité occidentale*. France : CNDP, 2003.

FÉRAL, Josette. *Trajectoires du Soleil - autour d'Ariane Mnouchkine*. Paris : Éditions Theatrales, 1998.

MILLER, Judith G. *Ariane Mnouchkine*. London, New York : Routledge, 2007.

MNOUCHKINE, Ariane, 1939. *A arte do presente: entrevistas com Fabienne Pascaud*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2011.

QUILLET, Françoise. *L'Orient au Théâtre du Soleil*. France: L'Harmattan, 1999.

VIANA, Fausto. *O figurino teatral e as renovações do século XX*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

Catálogo

SHAKESPEARE: l'étoffe du monde. Sob a direção de Catherine Treilhou-Balaudé e Anne Verdier. França: Centre National du Costume de Scène; Gourcuff Gradenigo, 2014.